



Interferências linguísticas em produções textuais de venezuelanos aprendizes de português como língua estrangeira

Linguistic interferences in productions of Venezuelan Portuguese language learners as a foreign language

*Fabricio Paiva MOTA**

RESUMO: No contexto brasileiro, o contato entre falantes de línguas diferentes é um fenômeno acentuado, principalmente nas zonas fronteiriças com os países da América do Sul. No cenário roraimense existem duas fronteiras: ao norte com a Venezuela e ao leste com a Guiana. Este trabalho tem por objetivo analisar interferências linguísticas em produções textuais de venezuelanos aprendizes de Português como Língua Estrangeira. Para alcançar os objetivos propostos, foram analisadas um total de dez produções textuais. Os resultados apontam para uma interferência linguística do tipo ortográfica, em que o aluno omitiu acento em palavras portuguesas e confundiu grafemas. Tendo em vista um cenário multilíngue, como o apresentado entre Brasil/Venezuela, em que as fronteiras geográficas nem sempre correspondem com as linguísticas, conclui-se que existe uma demanda para o ensino de Língua Portuguesa para hispanofalantes na região norte do Brasil.

ABSTRAT: The contact between speakers of different languages is a prominent phenomenon in Brazil, especially in border areas with South American countries. In Roraima, there are two borders: one to the north with Venezuela and another to the east with Guyana. This work aims to analyze linguistic interferences in textual productions of Venezuelan learners of Portuguese as a Foreign Language. In order to achieve the proposed objectives, a total of ten textual productions were analyzed. The results point to an orthographic type of linguistic interference, in which the student omitted accent marks on Portuguese words and also confused graphemes. In view of a multilingual scenario, such as the one presented between Brazil and Venezuela, in which geographical borders do not always correspond to linguistic borders, this work finds that there is a demand for the teaching of Portuguese Language to Spanish speakers in the northern region of Brazil.

PALAVRAS-CHAVE: Interferência linguística. PLE. Fronteira.

KEYWORDS: Language interference. PLE. Border.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/FCLAr). Professor do Curso de Letras – Português e Espanhol (UFRR). fabricao@yahoo.com.br

1 Considerações iniciais

No contexto brasileiro, o contato entre falantes de línguas diferentes é um fenômeno acentuado, principalmente nas zonas fronteiriças. No cenário roraimense existem duas fronteiras: ao norte com a Venezuela e ao leste com a Guiana. Dada à localização geográfica, o estado de Roraima é um dos poucos no País com fronteiras trilíngues, cujas línguas oficiais são o Português, o Inglês e o Espanhol, além da presença de línguas indígenas e crioulas.

É sabido que as cidades fronteiriças são conhecidas por seu comércio e por seus produtos de custo mais acessível. As cidades Foz do Iguaçu e *Ciudad del Leste*, fronteira Brasil/Paraguai, são locais onde há um intenso comércio e trânsito de falantes de diversas línguas, tal como o Português, o Espanhol, o *Portuñol* e algumas línguas indígenas. Não é diferente nas cidades de Pacaraima e de *Santa Elena de Uairén*, fronteira Brasil/Venezuela.

Pacaraima é um dos 15 municípios de Roraima resultante do processo de desmembramento de terras do Município de Boa Vista, capital do estado, que foi criado pela Lei nº 096 de 17 de outubro de 1995 e localizado à fronteira entre Brasil e Venezuela. A sede municipal de Pacaraima dista cerca de 215 km da capital roraimense e o seu acesso se dá pela rodovia BR-174. Antes de sua emancipação, quando vila, era conhecida como BV-8, em referência ao marco fronteiro Brasil/Venezuela nº 8.

A cidade de Santa Elena surgiu do garimpo, sendo fundada em 1923 por Lucas Fernández Peña. No entanto, foi em 1990 que definitivamente o município foi criado pela Assembleia Legislativa do estado Bolívar. A distância de um município a outro é de aproximadamente 15 km.

Muitos hispanofalantes buscam aprender Português¹ para diversos fins, tais como comerciais, acadêmicos e culturais. Nesse sentido, a Universidade Estadual de Roraima (UERR) ofertou entre 2006 e 2017 cursos de Português para Estrangeiros no município de Pacaraima, voltados principalmente para a população de Santa Elena.

Propomo-nos estudar o fenômeno da Interferência linguística² entre o Português e o Espanhol na fronteira Brasil/Venezuela, tendo como referências as cidades de Pacaraima e de Santa Elena. Com base nisso, estabelecemos como campo de estudo o contexto escolar, já que verificamos uma considerável demanda por aprender a Língua Portuguesa por parte dos venezuelanos.

No tocante ao viés teórico, optamos pelos estudos sociolinguísticos, sobretudo os que se relacionam com Línguas em Contato. Os estudos sobre contato linguístico são recentes, aproximadamente das décadas de 50 e de 60 do século XX.

2 Línguas em contato

Os primeiros estudos sobre línguas em contato datam dos séculos XVII e XVIII. Os resultados causaram preocupação, pois as palavras estrangeiras eram consideradas barbarismos e o seu uso rejeitado (SALA, 1998, p. 12).

Sala (1998) faz uma revisão dos estudos sobre contatos linguísticos desde os histórico-comparatistas até o século XX. Para o autor, os estudos comparatistas não levavam em consideração o contato entre as línguas, pois, ao aplicar o método histórico-comparativo, tinham de separar os elementos que serviam de empréstimo de uma língua à outra, para, dessa forma, estabelecer critérios de parentesco entre elas. Posteriormente, os estudos sobre mescla de línguas ganham força, pois não se

¹ Para este trabalho utilizamos apenas o termo Português como Língua Estrangeira. Não estava em nosso objetivo adotar nenhuma terminologia para tratar do ensino de Língua Portuguesa para falantes de outras línguas, tais como Português como Língua Adicional, Português como Língua de Herança ou Português como Língua de Acolhimento.

² Esse trabalho é um recorte de nossa dissertação de mestrado (MOTA, 2014).

conseguia explicar o motivo das mudanças dentro da própria língua apenas através de sua inovação. Alguns teóricos comparatistas, como Schuchardt, defendiam que “não há linguagem completamente sem mistura”³. Nesse sentido todas as línguas são misturadas, crioulas por meio do contato linguístico.

De acordo com Sala (1998), a Escola Neolinguística, representada por Bartoli, Bertoni e Bonfante, aperfeiçoou a ideia de mescla de línguas como princípio metodológico. Através desse princípio, explicavam-se não apenas todas as mudanças na língua, mas também a sua formação. Já o Círculo Linguístico de Praga valeu-se dos conceitos de seus antecessores e acrescentou a noção de evolução convergente e de aproximação estrutural entre as línguas em contato.

Sem dúvida, foi na primeira metade do século XX, mais precisamente na década de 1950, que houve um *boom* nos estudos sobre línguas em contato, sobretudo com os trabalhos de Haugen (1966) e de Weinreich (1974). O trabalho desse último ganhou mais destaque e segue como orientação básica para os trabalhos nessa área.

Após essa explanação, Sala (1998, p. 32) trata de elementos que favorecem e que dificultam o fenômeno do contato entre línguas. Dentre esses elementos, o autor cita duas categorias: os fatores extralinguísticos e os linguísticos. Os primeiros estão mais propensos a determinar e a estimular o contato linguístico. Por outro lado, os fatores linguísticos são secundários. Ainda conforme Sala, o contato pode ser direto ou indireto. O direto refere-se ao contato no mesmo território através da mestiçagem da população ou da convivência durante período variável. Sobre essas questões, Weinreich (1974) e Haugen (1966) realizaram estudos descritivos e comparativos dos elementos formais, analisando os empréstimos como fenômeno de interferência entre as línguas.

O contato indireto é mais frequente na escrita e não depende do grau de bilinguismo dos falantes, mas de contextos específicos. Um dos pontos que nos chama

³ *Es gibt keine völlig ungemischte Sprache*. Schuchardt (1884, p. 5 *apud* THOMASON; KAUFMAN, 1988)

atenção em Sala (1998, p. 35) é a distinção que se estabelece entre contato direto/contato indireto ao lado do contato oral/contato escrito. Para o autor, o contato direto é oral, enquanto o indireto é escrito. Tal fato não impede de haver contato direto escrito e contato indireto oral. Dessa maneira, “uma série de palavras pode entrar através da oralidade, no caso do contato indireto, como as palavras de idiomas ágrafos que penetraram nas línguas europeias⁴”. Face ao exposto, Sala (1998) lista a influência da escrita de algumas línguas para a modificação de outra: o Eslavo antigo que influenciou o Aspecto do Russo, a influência do Grego sobre o Latim, o Francês na Europa do século XVIII e o Inglês atualmente.

Outro estudo citado por Sala é o de Vincenz (1989 *apud* SALA, 1998, p. 33) sobre o Alemão, que serve como língua intermediária entre o Francês e o Polonês, já que a comunicação entre esses povos se concretizava por meio da Língua Alemã. Em seu estudo, o autor chama a atenção para o comportamento da língua doadora com relação à receptora. No caso do Alemão, língua que doa elementos fonológicos e lexicais, por exemplo, comporta-se ativamente frente ao Polonês, passivo, ou seja, língua que recebe tais elementos.

Sobre os fatores extralinguísticos, o referido autor propõe que uma das duas línguas ocupará uma posição de dominação e que, conseqüentemente, uma influenciará a outra. Esses fatores estariam relacionados, por exemplo, à segurança econômica, à cultura ou à política. O autor não entra em questões terminológicas como *língua de prestígio* ou *superior* ou *dominante*. Para ele, “o *status* das línguas está em seu valor social, isto é, pela capacidade destas em ser utilizadas como meio de comunicação⁵” (SALA, 1998, p. 36). Dentro desse contexto, Sala cita seis cenários de

⁴ No original: [...] una serie de palabras puede penetrar por vía oral en el caso de un contacto indirecto por ejemplo, las palabras pertenecientes a los idiomas sin escritura que penetraron en las lenguas europeas.

⁵ No original: [...] el status distinto de las lenguas está determinado por el valor social, es decir, por la capacidad de éstas de ser utilizadas como medio de comunicación.

contato linguístico: na Suíça, o *schwyzertütsh*, dialeto alemão, está em posição inferior ao Francês (WEINREICH, 1953 *apud* SALA, 1998); o Espanhol mexicano e o Inglês estadunidense e o Espanhol uruguaio e o Português brasileiro, que coexistem como línguas de prestígio e literárias (ELIZAINCÍN, 1981 *apud* SALA, 1998); o Espanhol da serra equatoriana e o Quéchuá. Nesse caso, o Espanhol assume legalmente o *status* de língua oficial, porém o falante de quéchuá ao usar seu idioma inibe a presença do Espanhol, recuperado através de empréstimos feitos pelos indígenas na fala (SALA, 1998). Na sequência, temos o Espanhol paraguaio em contato com o Guaraní (GRANDA, 1988 *apud* SALA, 1998), cujas interferências coocorrem em ambos os idiomas. Por fim, há o movimento unilíngue dentro de uma Espanha multilíngue: o Espanhol influenciou os demais sistemas linguísticos do país (BLAS ARROYO, 1991 *apud* SALA, 1998).

Do ponto de vista amazônico, Aikhenvald (2002) teve como objetivo sistematizar o contato induzido por mudança entre duas famílias linguísticas geneticamente não relacionadas e tipologicamente diferentes do norte da Amazônia: Arauaco do norte e Tucano na região de Vaupés, e distinguiu as semelhanças genéticas de empréstimo. Segundo a autora, quando as línguas estão em contato, ou seja, quando há muitos falantes de uma língua tendo contato com outras, ambas emprestam características linguísticas em um processo cíclico, por exemplo, pronúncia, gramática, vocabulário.

Sobre o contexto, estudos acerca do contato foram realizados em poucos lugares do mundo: a área linguística dos Balcãs (JOSEPH, 1983 *apud* AIKHENVALD, 2002; FRIEDMAN, 1997 *apud* AIKHENVALD, 2002); Índia (EMENEAU, 1980 *apud* AIKHENVALD, 2002; MASICA, 1976 *apud* AIKHENVALD, 2002); o leste da Terra de Arnhem e as regiões do rio Daly na Austrália (HEATH, 1978 *apud* AIKHENVALD, 2002; DIXON, 2002 *apud* AIKHENVALD, 2002). No entanto, ainda não se desenvolveu um estudo detalhado das línguas amazônicas.

Aikhenvald (2002) propõe que a região da Bacia Amazônica apresenta uma grande diversidade linguística, abriga cerca de 300 grupos linguísticos distribuídos em mais de 15 famílias, afora as isoladas. Nesse estudo, a autora identifica as seis maiores famílias linguísticas da Bacia Amazônica, quais sejam Arauaco, Tupi, Caribe, Pano, Tucano e Jê; as menores incluem Makú, Bora-Witoto, Harakmbet, Arawá, Chapacura, Nambiquara, Guahibo e Yanomami. Em outras palavras, o mapa linguístico da região amazônica parece uma colcha de retalhos, cujas línguas estão em constante contato.

Para a pesquisadora, é também devido às migrações que o contato linguístico gera: empréstimo, mudança e reestruturação gramatical, reanalizando morfemas existentes e introduzindo novos morfemas, isto é, gramaticalização de itens lexicais. Esse cenário multilíngue é diferente ao de outras regiões do mundo, “criando dificuldades para distinguir entre similaridades relacionadas à retenção genética e àquelas relacionadas à difusão areal⁶” (AIKHENVALD, 2002, p. 2).

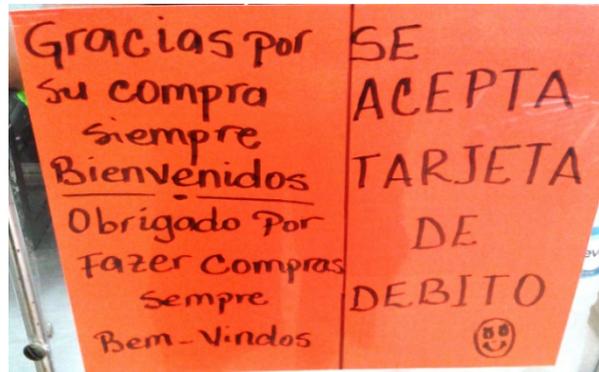
O fenômeno das línguas em contato se torna mais marcante nas regiões de fronteira entre países de línguas diferentes. Roraima e sua tríplice fronteira é ponto de chegada e de partida para a Amazônia Caribenha (OLIVEIRA, 2008): ao norte a Venezuela, ao sul os demais estados brasileiros e ao leste a Guiana. É nesse contexto que se insere Roraima, como local plurilíngue, onde se encontram brasileiros de diversas regiões, indígenas e estrangeiros, sobretudo venezuelanos e guianenses.

Em Pacaraima, foco de nossa pesquisa, extremo norte do estado de Roraima, são aproximadamente 10 mil habitantes (IBGE, 2010), sendo que metade está na zona urbana e a outra, na rural. O fluxo de brasileiros e de venezuelanos é intenso tanto do ponto de vista linguístico como sociocultural. No comércio brasileiro assim como no venezuelano, encontramos marcas desse contato linguístico seja na fala seja na escrita.

⁶ No original: [...] creating difficulties for distinguishing between similarities due to genetic retention and those due to areal diffusion.

A seguir ilustramos com um exemplo no âmbito da escrita. Esta foto foi tomada em uma loja localizada em Santa Elena:

Figura 1 – Cartaz em loja – Santa Elena de Uairén/Venezuela.



Fonte: arquivo pessoal.

Como podemos observar, o cartaz está em espanhol, na parte superior e à direita, e em português, na parte inferior à esquerda. Devido ao fluxo de brasileiros, como já mencionado, as lojas tentam se adaptar ao novo público e, assim, diminuir as barreiras linguísticas. Outro exemplo foi um cartaz no interior de um supermercado em Pacaraima, no qual havia o seguinte aviso: *Temos pollo, o sea frango*. Trata-se de um exemplo clássico de Alternância de Código (AC), pois na mesma sentença coocorrem as duas línguas pela sequência de elementos em português/espanhol/português. O principal elemento oracional, o verbo, está em português, enquanto os outros elementos se apresentam cada um em línguas diferentes.

3 Estudos sobre Interferência linguística

Menéndez e Mendéndez (2003, p. 67-68) propõem que o termo Interferência foi cunhado por Sandfeld (1938 *apud* MENÉNDEZ; MENDÉNDEZ, 2003), porém foi Weinreich (1974)⁷ que estabeleceu as causas e as formas do referido fenômeno. Os dois

⁷ A versão utilizada neste trabalho é uma tradução feita em 1974 pela Universidade Central da Venezuela.

primeiros autores definem Interferência como processo e resultado que ocasionam a presença de unidades de um dado sistema linguístico, bem como estruturas de outro sistema, reconfigurando estruturas nos níveis fonológico, morfológico e sintático. E mais, devemos compreender tal fenômeno desde o ponto de vista da situação de contato de línguas. No âmbito da fala, tem-se fatores de percepção da outra língua e do empréstimo; no da língua, fixa-se na integração fônica, gramatical, semântica e estilística dos elementos do outro idioma.

Consoante Menéndez e Menéndez (2003, p. 69), os fatores externos influenciariam no desenvolvimento da língua desde o ponto de vista da linguística estrutural. Esse dado é relevante, haja vista que para a descrição de uma situação de contato linguístico, devemos considerar também fatores extralinguísticos.

De acordo com Weinreich (1974), para cada tipo de Interferência existe um tipo de interação tanto de fatores linguísticos (estruturais) como de não linguísticos (psicológicos e socioculturais), como pode ser observado na tabela seguinte:

Quadro 1 – Formas e fatores da Interferência em geral.

Formas de Interferência	Fatores linguísticos		Fatores não linguísticos	
	Estímulos	Fatores de resistência	Estímulos	Fatores de resistência
Toda Interferência	Qualquer ponto de diferença entre L1 e L2: economia	Estabilidade dos sistemas; requisitos de instabilidade	Valor social de L1; interlocutores bilíngues, etc	Valor social de L2; atitudes puristas frente a L2; fidelidade a LM; interlocutores monolíngues, etc.

Fonte: Weinreich (1974, p. 140).

Para Silva-Valdivia (1994, p. 165), utiliza-se o termo Interferência em diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, Física, Psicologia, Antropologia Cultural, Pedagogia e Sociolinguística. O autor define o fenômeno como a mudança linguística produzida em uma língua condicionada por outra língua, excluindo-se Interferências

de uma mesma língua. Para Payrató (1985, *apud* SILVA-VALDIVIA, 1994), Interferência é a mudança linguística que acontece em determinada língua A motivada diretamente por uma língua B. Assim, a Interferência leva em conta três fatores: psicológicos, sociolinguísticos e sociocomunicativos.

Sob o viés psicológico, Silva-Valdivia volta-se para os problemas de aprendizagem de uma L2, enfatizando os processos de aquisição de segunda língua nos anos 1950 e 1960. Já a Psicologia evolutiva busca explicar o fenômeno baseando-se em como interatam duas línguas no processo de aprendizagem bilíngue.

No que tange à sociolinguística, busca-se relacionar a situação social em que se produz a Interferência com a atitude dos falantes. O autor enfatiza os aspectos socioculturais, tendo em vista o contexto complexo em que se insere a Língua Galega, objeto de sua pesquisa. Como é sabido, o Galego é uma das línguas minoritárias da Espanha e na ditadura espanhola foi proibida de ser falada e de ser ensinada.

Os fatores sociocomunicativos estão ligados tanto à Interferência como à situação comunicativa, que envolvem registro, grau de formalidade, contexto comunicativo, relação entre os interlocutores, por exemplo. Para Silva-Valdivia (1994) tais informações são importantes, sobretudo no contexto galego, em que aparecem espanholismos léxicos e fonéticos em situação familiar e mais informal, tais como *rúa*, *cervexa*, *beirrarúa* e *culler/rua*, *cerveja*, *calçada* e *colher*, respectivamente.

Para Weinreich (1974), toda teoria estruturalista ao distinguir língua e fala supõe que todo acontecimento da fala pertence a uma língua definida. Dessa forma, é possível admitir um enunciado com elementos de uma língua diferente. Um falante ou um estudioso de línguas consegue perceber que os elementos proferidos podem ser separados como elementos *tomados de empréstimo* ou transferidos. Em outras palavras, essa é uma das manifestações da Interferência linguística.

Outro tipo de Interferência, citada pelo autor, não implica uma Transferência de nenhum tipo de elemento, afetando tanto a expressão (fonemas) como o conteúdo

(semantema), haja vista que expressão e conteúdo são definidos através de oposições dentro de uma mesma língua. O autor traça uma série de exemplos entre as línguas Russa e Inglesa. Do ponto de vista fonético, Weinreich elenca o fonema /p/. Em Russo, ele é definido por seu traço distintivo de falta de palatalização; já em inglês, não existe tal distinção.

No que concerne à sintaxe, o autor toma como exemplo a ordem dos elementos frasais (sujeito + verbo + objeto) em orações inglesas e russas. Para um indivíduo bilíngue, essa ordem poderia ser denotativa em Inglês e em Russo, estilística. No que se refere ao semantema, parte da palavra que contém um significado de caráter lexical como substância, qualidade, processo, modalidade da ação ou da qualidade, Weinreich toma como exemplo os semantemas do Inglês *foot* (pé) e *leg* (perna). No entanto, em Russo o mesmo conteúdo se divide em três: *nóžka* (pé/perna de móvel), *nogá* (toda a pata de um animal) e *fut* (medida de 12 polegadas). Observa-se que os semantemas são diferentes em ambas as línguas. Para o autor, em uma situação de contato linguístico, os semantemas *foot* e *nogá* podem direcionar o indivíduo bilíngue a uma identificação interlinguística dos dois idiomas.

Weinreich (1974, p. 39) diferencia claramente a questão da interferência na fala e na língua. Nessa, “o que interessa é a integração fonológica, gramatical, semântica e estilística dos elementos estrangeiros⁸”. Naquela, “os fatores de percepção do outro idioma e a motivação do empréstimo são de suma importância⁹”.

Ainda conforme o autor, os métodos utilizados no estudo das Interferências não são iguais. No que tange aos Empréstimos, recuperam-se os elementos emprestados através de entrevistas repetidas com o informante. Outra forma é com textos escritos. Em nossa pesquisa, o uso de textos escritos pode auxiliar-nos, por exemplo, a

⁸ No original: [...] lo que interesa es la integración fonológica, gramatical, semántica y estilística de los elementos extranjeros.

⁹ No original: [...] los factores de percepción del otro idioma y la motivación del préstamo son de primera importancia.

identificar se determinadas estruturas escritas pelo informante foram ou não tomadas de empréstimos.

Do ponto de vista fonético, Weinreich (1974) define quatro tipos de interferência, a saber: (1) subdiferenciação dos fonemas, ou seja, ocorre quando dois sons do sistema secundário (L2) se confundem e seus correspondentes não se diferenciam no sistema primário (L1); (2) superdiferenciação dos fonemas, isto é, diferenças fonológicas do sistema primário sobre os sons do secundário sem necessidade; (3) reinterpretação das distinções, quer dizer, acontece quando o bilíngue diferencia fonemas do sistema secundário através de traços que são redundantes nesse sistema, porém são totalmente relevantes no sistema primário e (4) situação dos sons, em outras palavras, são fonemas definidos como idênticos, mas a pronúncia é diferente.

Para Weinreich, os tipos (2) e (3) podem não ser chamados de Interferência. Um dos motivos deve-se à realização de fonemas da língua secundária, inclusive alguns traços redundantes podem ser interpretados como relevantes pelo falante. Ainda consoante o autor, poderiam haver dois grupos: um formado com os três primeiros tipos de Interferência e o quarto, isolado. Esse se refere à mudança no sistema fonológico e aqueles, relacionam-se aos traços de uma ou de ambas as línguas.

Do ponto de vista gramatical, Weinreich (1974) define três tipos de Interferência, seja de A para B ou vice-versa, a saber: (1) o uso de morfemas A ao falar ou ao escrever a língua B, por exemplo, /nit er bʌt ix/ / não ele, mas eu, em ídiche norte-americano. Para o autor, algumas classes são mais suscetíveis a transferências que outras; (2) a aplicação da relação gramatical da língua A aos morfemas B na fala B ou o descuido de uma relação de B que não tem protótipo em A, como em *he comes tomorrow home* / retorne amanhã. O padrão utilizado é de língua alemã *er kommt morgen nach Hause* em morfemas ingleses e (3) mediante a identificação de um morfema B

específico com um morfema A específico. Existe uma mudança das funções do morfema B baseada no modelo gramatical da língua A.

Siguan (2001) enumera cinco tipos de Interferências com ênfase no Catalão-Espanhol, a saber: fonéticas e prosódicas, ortográficas, léxicas e semânticas, morfossintáticas e gramaticais. As do tipo fonética centram-se em definir se tais Interferências se baseiam na presença de um som da primeira língua nos enunciados da segunda ou se esses sons são resultado da imitação dos sons da segunda língua com os recursos da primeira. As prosódicas limitam-se à acentuação vocabular e à entoação frasal.

As ortográficas, sobretudo em línguas próximas, ocorrem com maior produtividade. O bilíngue tende a usar o padrão da língua que mais utiliza. No entanto, não é possível afirmar categoricamente se a Interferência ortográfica ocorre por meio da Interferência ou do desconhecimento de regras ortográficas.

As léxicas e semânticas, referem-se às palavras e aos seus significados, sendo mais recorrente com substantivos, depois com verbos e com adjetivos. Dessa forma, substitui-se uma palavra da primeira língua por sua equivalente na segunda, sem nenhum prejuízo de significado. Nesse caso, chamando-as de Empréstimos. Quando o Empréstimo não consegue dar conta da nova realidade, o idioma se vale de Traduções diretas, por exemplo, *skystripper* / aranha-céu em Inglês *rasgacielos*, em Espanhol. Por outro lado, um falante bilíngue Espanhol-Inglês, além de valer-se de traduções diretas também modifica o significado de algumas palavras, tais como *ministry* em Inglês significa tanto *miembro del gobierno* / membro do governo como *sacerdote* / sacerdote; *librery*, em Inglês, pode ser tanto *librería* / livraria como *biblioteca*.

As morfossintáticas adequam a estrutura de uma língua à outra a que se incorpora. Assim, *conill* / coelho em Catalão, *conejo* em Espanhol, transforma-se em *conillo*, pois as palavras que terminam em consoantes em Catalão recebem uma vogal

em Espanhol. Na frase *el conillo está malaltito*, *malalt* / doente em Catalão, *enfermo* em Espanhol, incorpora-se o sufixo diminutivo *-ito*.

Do ponto de vista gramatical, cada língua possui um sistema de regras específico. Um bilíngue Espanhol/Inglês, cuja língua principal seja o Espanhol ao invés de dizer: *I scratch my arm*, pode dizer: *I scratch the arm*, influenciado pelo Espanhol *me rasco el brazo* / arranho o braço (SIGUAN, 2001, p. 179).

3 Procedimentos metodológicos

A escolha pelo Curso de Português para Estrangeiros da UERR/Campus Pacaraima se deu por estar em um ambiente de conhecimento, ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, por localizar-se em um contexto fronteiriço e multilíngue e por ser de fácil acesso ao pesquisador. Quanto às produções textuais, sua escolha ocorreu pelo contexto em que está inserido: fronteira Brasil/Venezuela.

O curso possui uma carga horária de 360 h/a, dividida em seis semestres. A turma observada iniciou suas atividades em 2009 e estava em fase de conclusão, sendo a primeira da instituição.

No segundo semestre de 2012, coletamos 15 produções textuais escritas de 15 alunos do último ano do referido curso, fase que denominamos de pré-análise, por meio da qual identificamos a executabilidade desta pesquisa. Ao longo do primeiro semestre de 2013, realizamos cinco visitas técnicas ao curso. As aulas ocorriam aos sábados, no período matutino.

O recolhimento dessas produções ocorreu *in loco*, totalizando 35 produções textuais (2012 e 2013). Para este trabalho não utilizamos os textos da pré-análise. Os 7 textos da 1ª coleta foram resenhas sobre o filme brasileiro *E aí, comeu?* (2012), dirigido por Felipe Joffily e estrelado por Bruno Mazzeo, Marcos Palmeira e Emilio Netto. O filme é uma adaptação de uma peça homônima de Marcelo Rubens Paiva. Já na 2ª coleta conseguimos 13 produções referentes à *Celpe-Bras*, Roteiro da Interação Face a

Face, em que o aluno é motivado através de um elemento provocador e, na sequência, redige um texto argumentativo para cada pergunta feita.

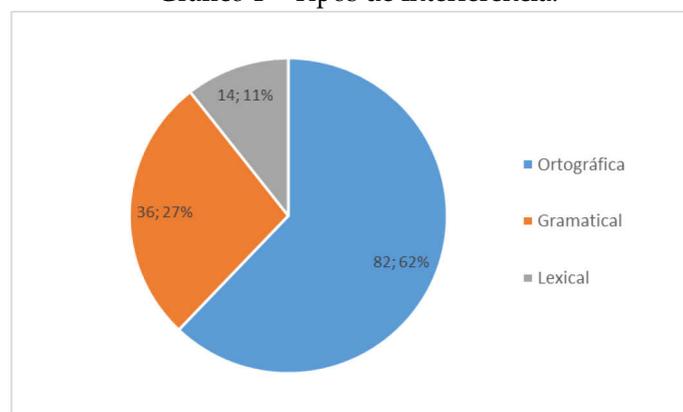
Para fins organizacionais, decidimos selecionar os informantes que estivessem presentes na primeira coleta (A) e na segunda coleta (B) para avaliar sua progressão ao longo do semestre. A turma tinha 15 inscritos, todos venezuelanos. No entanto, selecionamos cinco informantes, pois participaram de todas as coletas.

Os informantes foram assim numerados: 2, 4, 7, 10, 12. Por questões metodológicas, criamos a seguinte nomenclatura: *I* para Informante; 2, 4, 7, 10, 12 é o seu número e as letras A e B designam a coleta em que está a produção textual do aluno. Assim, temos I2B – Informante 2, B (2ª coleta).

4 Análise e discussão das produções textuais

O conceito de Interferência também pode se referir à influência de uma língua A sobre uma língua B, porém o resultado desse contato, em geral, é uma estrutura mista, isso é não é nem LM nem LE. Dessa forma, classificamos a Interferência em três grupos: a Interferência **ortográfica**, pode agrupar os casos de acentuação e de grafia; a Interferência **lexical**, pode abrigar empréstimo e tradução direta; e a Interferência **gramatical**, morfofonológico e sintático, casos que atingem a estrutura gramatical do Português escrito pelos alunos. A seguir, sintetizemos os dados no gráfico 1:

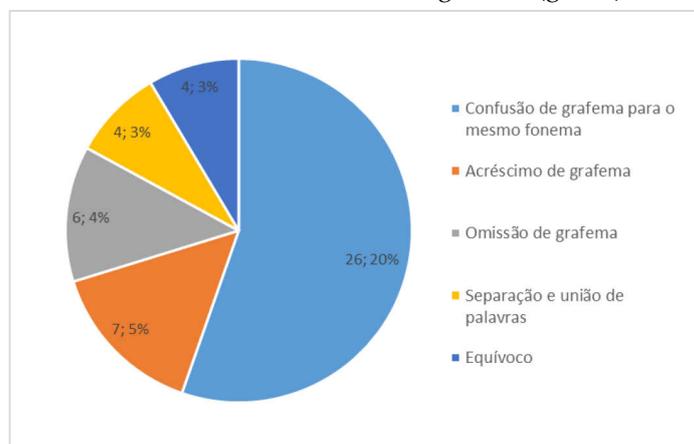
Gráfico 1 – Tipos de Interferência.



Como podemos observar, nossos dados ligados à Interferência do tipo ortográfico são os mais produtivos, seguidos dos gramaticais e dos lexicais. Na Transferência ortográfica, contabilizamos 34 casos; na **Interferência ortográfica** o resultado quase triplicou, identificamos 82. Talvez nem tivéssemos esse valor se não houvéssimos seguido o viés teórico de que a escrita não é um nível de análise linguística. Porém, entendemos que a escrita é um modo de representação gráfica de uma língua, manifestando relações grafêmicas de acordo com o sistema linguístico em questão. Por exemplo, em Língua Portuguesa quando utilizamos o acento til, marcamos uma nasalização; no Espanhol como esse fenômeno não é representado em seu quadro fonêmico tal acentuação não se marca.

Nesse sentido, incluímos dentro da Interferência ortográfica os casos de acentuação e de grafia. No Gráfico 2, temos os tipos de Interferência referentes aos dados ortográficos:

Gráfico 2 – Interferências ortográficas (grafia).



O primeiro caso de Interferência ortográfica acontece na **grafia**, constituindo-se de confusão de grafemas para o mesmo fonema, seguido de acréscimo de grafema, omissão de grafema, separação e união de palavras e equívoco na grafia. Tanto o Português quanto o Espanhol compartilham o alfabeto latino, algumas letras são

diferentes em sua configuração gráfica (ñ, ll, ch, y), o que gera confusão para estudantes de ambas as línguas.

- (1) No meu país realizam *pesquizas* [...] (I2B)
- (2) O qual deixa como conhecimento atitudes *positivas* (I2B)

Em ambos os idiomas, *pesquisas* e *positivas* se escreve com *s*.

O grafema *S* em Língua Espanhola marca a pronúncia do fonema fricativo alveolar desvozeado /s/. Contudo, em Língua Portuguesa, essa pronúncia pode variar de acordo com o contexto fonológico, por exemplo, se entre vogais, sonoriza-se, tornando-se /z/.

- (3) Eles sempre estão falando de mulheres *mais* também as mulheres [...] (I7A)
- (4) Eu acho que o objeto do filme não é educacional *mais* nos podemos refletir [...] (I7A)

Um caso recorrente nas produções é o uso de *mais* por *mas*. Um dos motivos seria a Interferência fonética, traços de oralidade, na escrita dos estudantes, haja vista o contato com a população brasileira residente tanto em Pacaraima como em Santa Elena, faz com que esse aluno use o Português Brasileiro, no qual é comum a ditongação em, por exemplo: paz [‘pais], Jesus [že’zuis]. Quer dizer, o aprendiz de português na fronteira Brasil/Venezuela tende a utilizar o padrão brasileiro em sua escrita e possivelmente em sua fala, como constatamos em nossas visitas.

Os casos de separação e de união de palavras referem-se ao uso do hífen e do uso do *porque*. No primeiro caso dos exemplos a seguir, em Língua Portuguesa, usa-se o hífen com o prefixo *recém-*, ao passo que em Língua Espanhola não ocorre. No segundo, o uso de *porque* é igual em ambas as línguas, conforme listamos abaixo:

- (5) Fernando está *recém separado* e conhece uma adolescente [...] (I10A)
- (6) Foi muito legal mais também agotador *por que* tivemos que trabalhar (I4B)
- (7) Sim, *por que* é uma lembrança da cidade o lugar que estamos visitando (I4B)

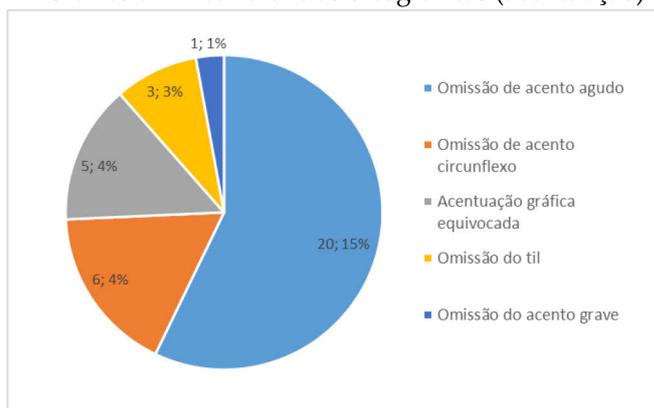
As duas ocorrências de omissão de grafema deram-se com o ditongo *ei*. As palavras destacadas em Espanhol são respectivamente *llavero* e *dinero*. Devido à proximidade entre as línguas, o informante poderia ter omitido a letra *i*:

- (8) Objetos pequenos como: *chaveros*, copos e chocolates (I4B)
- (9) [...] seja para o cuidado pessoal, uma bolsa, *dinhero* [...] (I4B)

Em suma, a confusão de grafemas para o mesmo fonema mostrou-se a mais produtiva, pois em Português os casos em que um fonema pode ter mais de um grafema são mais recorrentes do que em Espanhol. Dessa forma, por exemplo, o fonema /z/ pode ser grafado com *s*, dígrafo *ss* ou *z*, o que poderia ter gerado dúvidas entre os informantes.

O segundo caso de Interferência ortográfica é o da **acentuação**, no qual desponta a omissão de acentos agudo, circunflexo, til e grave, que poderia ser entendido como um simples *erro* do aluno. No entanto, não devemos nos esquecer de que esse discente está aprendendo a norma culta do Português, o qual em sua grafia apresenta notações gráficas que devem ser seguidas, isto é, aprender as convenções gráficas é um dos pré-requisitos da competência de escrita. A seguir, observamos os dados dispostos no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Interferências ortográficas (acentuação).



Outro fator que pode explicar tais omissões de acentos é que, quando comparamos os sistemas gráficos de ambos os idiomas, percebemos que em Espanhol temos apenas dois sinais acentuais (trema e agudo) e em Português, cinco (trema, agudo, circunflexo, grave e til). Assim, quando um hispano-falante escreve em Português, tende a apresentar dificuldade quanto à acentuação; como são os seguintes casos, em que o aluno reconhece que em nossa língua usam-se acentos gráficos para marcar tonicidade, por exemplo, e o faz, porém de modo graficamente equivocado:

(10) Não, *Serí*a absurdo pensar que soamente os seres humanos estão sozinhos (I7B)

(11) Temos que pensar, sentir e fazer o melhor; e para isso *tê*mos que estudar, ensinar e praticar (I12A)

(12) Eles se reúnem num bar no Rio de Janeiro para falar uns com outros de seus *prô*prios problemas (I7A)

A grafia das palavras *serí*a, *tê*mos e *prô*prios em Português é *ser*ia, *tem*os e *pró*prios, respectivamente.

Embora hajamos iniciado nosso comentário citando os casos de omissão, eles ocupam a terceira posição em número de ocorrência. É a omissão de acento agudo a mais recorrente, 20 dos 82 casos. Observemos os casos abaixo:

- (13) É uma comédia *esquecível* [...] (I10A)
 (14) [...] porque no universo sem fim não e *possível* que unicamente existam as pessoas [...] (I7B)
 (15) É *provável* porque a bagunça pode significar liberdade [...] (I10B)
 (16) [...] o desenvolvimento dos *musculos* do meu corpo [...] (I12B)

A grafia das palavras *esquecível*, *possível*, *provável* e *musculos* em Português é *esquecível*, *possível*, *provável* e *músculos*, respectivamente.

O uso do til em Português indica vogal nasal, mas essa indicação não existe em Espanhol. Os casos de omissão de til foram em ditongos (*ão* e *õe*), como destacado na frase abaixo. Em Espanhol, o traço de nasalização tanto na fala quanto na escrita pode gerar dificuldades para os hispanofalantes.

- (17) As marcas cravadas são semelhantes nas mãos mais se elas são gigantes e não tem explicação *entao* são possíveis indícios de óvni (I7B)
 (18) A trama do filme conduz a conhecer outras *situações* da vida cotidiana [...] (I2A)

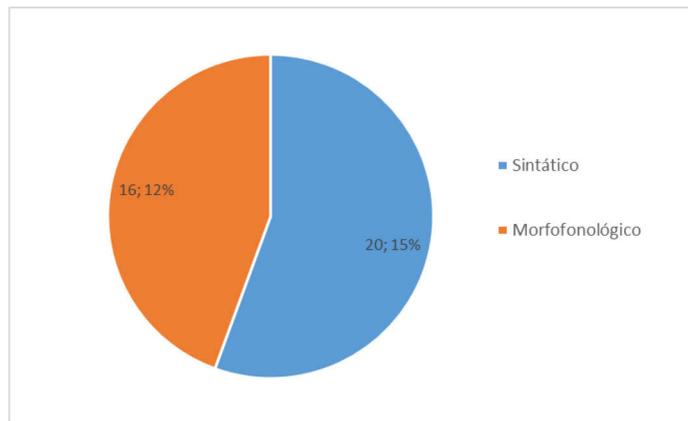
A grafia das palavras *entao* e *situações* em Português é *então* e *situações*, respectivamente.

A crase é o resultado da fusão de duas vogais iguais e contíguas, com a supressão de uma delas. No único caso dessa natureza, o informante o fez corretamente, mas não marcou com o acento gráfico, a seguir: (19) No meu país realizam pesquisas, fazem palestras referente *as* dificuldades [...] (I2B) – em Português *às*.

Sobre as Interferências ortográficas, podemos concluir que os casos de grafia, em especial os que envolvem confusão entre grafema e fonema, foram os mais produtivos. Isso revela que na medida em que escreve, o informante parece se policiar menos e acaba omitindo grafemas e equivocando-se em seu texto.

A **Interferência gramatical** engloba ocorrências morfofonológicas e sintáticas, tais como concordância de gênero/número, morfologia e sintaxe. No gráfico abaixo, explicitamos o que identificamos:

Gráfico 4 - Interferência gramatical.



Os dados apontam um equilíbrio entre os tipos de Interferência gramatical. As sintáticas, dizem respeito, principalmente, à concordância de gênero/número e de regência verbal. Já as morfofonológicas, envolvem a morfologia da palavra, isto é, o informante utiliza parte do morfema da língua A e parte da língua B ou vice-versa. A seguir temos os exemplos:

(20) [...] Com referencia ao tema do sexo, é uma questão de *aceptação* de cada um (I2A)

O informante formou *aceitação* com a raiz do espanhol *accept-* e o sufixo do português *-ação*.

(21) [...] *Quens* ao final *conseguem* esclarecer suas situações sentimentais, ganhando como presente o amor e o inicio de uma nova felicidade (I2A)

Em Espanhol, o plural de *quien/quem* é *quienes*, o que não existe em Português. O informante realizou a concordância entre sujeito e verbo.

(22) [...] *Ainda que* o filme *teve* boas críticas, e uma receita de 26.157.268 reais, não se pode negar que também é frívolo (I10A)

Essa construção reflete bem a Interferência da Modalidade *realis/irrealis* entre o Português e o Espanhol, por meio da construção *ainda que* + *Subjuntivo*; em Espanhol, o Verbo nessa posição pode assumir tanto uma conjugação subjuntiva quanto indicativa, apontando para um grau de certeza/incerteza. Contudo, em Língua Portuguesa, embora haja essa mesma diferenciação modo-aspectual, o Verbo se apresenta em sua forma subjuntiva, sendo o contexto que indicará a telicidade ou não do enunciado.

(23) [...] Pois, *as personagens estão envolvidos* em situações que ninguém querem estar. Já que, Fernando (Bruno Mazzero) enfrenta uma ruptura, que não aceita e é seduzido por uma menor de *idade* [...] (I4A)

Em Português o padrão silábico é consoante-vogal (CV). Por esse motivo, o informante acrescentou a vogal *-e* para constituir uma sílaba, haja vista que *idade* se escreve *edad/idade*. Outra questão é o gênero. Em espanhol, *personaje/personagem* é uma palavra masculina. Por esta razão, fez a concordância em Espanhol.

(24) Os E.T.s são o misterio porque verdadeiramente a gente não tem certeza da *existença de eles* (I7B)

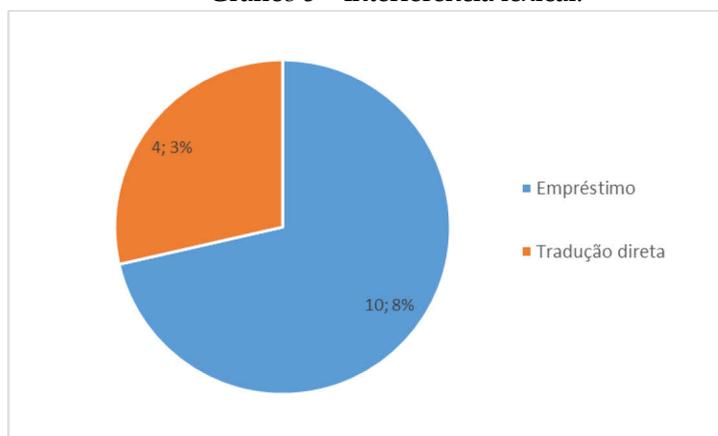
Do ponto de vista diacrônico, coocorriam os sufixos *-za*, *-ça* e *-cia*, porém, esses dois últimos mantiveram seu percurso em Português, e aquele primeiro, em Espanhol. O informante utiliza a desinência que mais se aproxima de sua língua. Com relação à

de eles, em Espanhol só existem dois Artigos contrativos *al* e *del*. Por esse motivo, o informante separa preposição e artigo, mantendo o padrão Espanhol.

Sobre as Interferências gramaticais, podemos afirmar que houve um equilíbrio entre os tipos apresentados, sendo que as relações sintáticas, principalmente plural de substantivos terminados em *-ão*, regência verbal e concordância nominal e verbal. A formação de palavras foi também bastante produtiva. Mais uma vez, levantamos a hipótese de línguas próximas e o monitoramento dos alunos. O fato de as línguas compartilharem boa parte do léxico é preponderante no processo de escrita.

A **Interferência lexical** subdivide-se em Empréstimo e Tradução direta. A primeira ocorre sem prejuízo de significado, enquanto a segunda é uma tradução feita diretamente da palavra selecionada. Abaixo apresentamos o que contabilizamos em nossos dados:

Gráfico 5 – Interferência lexical.



Segundo Siguan (2001, p. 178), o Empréstimo “obedece ao fato de que designa uma nova realidade em que não existe uma denominação prévia¹⁰ [para determinada palavra] (grifo nosso)”. Em nossos dados, observamos que as palavras utilizadas não

¹⁰ No original: [...] el préstamo obedece al hecho de que designa una realidad nueva para la que no existe una denominación previa.

geram mudança de significado para quem lê a produção textual, como podemos verificar nos exemplos:

(25) A liberação das *femeas* é uma afronta para os *masculinos* entorpecidos pelo seu afã de ter o controle de tudo (I2A)

A primeira leitura pode causar estranhamento ao leitor, porém se compreende a mensagem: a liberação das *mulheres* é uma afronta para os *homens* [...].

(26) [...] pouco interesse a sua família, com uma mulher jogadora que não é *viciosa* (I12A)

Da mesma maneira que o exemplo anterior, o leitor entende o que o escritor quis dizer. As palavras destacadas existem em Língua Portuguesa, mas são menos usais. No caso, o informante queria dizer *viciada*.

As Traduções diretas são traduções *ipsis litteris* da LM para a LE e, em alguns casos, geram mudança de significado, vejamos:

(27) [...] que se envolve com *homens maiores* que elas (I4A)

Homens maiores são, na verdade, *homens mais velhos*. Em Espanhol, utiliza-se o adjetivo *mayor* para se referir a idade.

(28) Pessoalmente tenho *sentimento encontrados* uns a favor e outros *em contra*. (I7A)

No que concerne ao *sentimento encontrado*, é uma tradução de *sentimiento encontrado* que significa *ter a mesma opinião*. No final da frase temos *em contra*. A expressão em Português é *ser contra algo*; em Espanhol é *estar en contra*. O informante fez a tradução da expressão.

No que diz respeito à Interferência lexical, podemos concluir que Português e Espanhol compartilham uma base lexical comum. No entanto, algumas palavras possuem significados diferentes entre as duas línguas, são chamadas de heterosemânticas. Tanto os brasileiros aprendizes de Espanhol/LE como os hispanos aprendizes de Português/LE têm dificuldades.

5 Considerações finais

O fenômeno do contato linguístico é mais acentuado em regiões de fronteira, sobretudo quando temos duas ou mais línguas diferentes atuando. Em nosso contexto, região norte do Brasil, o estado de Roraima faz divisa com a Venezuela e com a Guiana.

O objetivo deste trabalho foi analisar a Interferência linguística em produções textuais de venezuelanos aprendizes de Português. Para isso, sintetizamos os conceitos de Siguan (2001), de Menéndez e Menéndez (2003) e de Weinreich (1974) e criamos uma classificação própria para este trabalho.

No que concerne à Interferência linguística, concluímos que a do tipo ortográfica mostrou-se a mais recorrente. Lembramos que a Interferência produz estruturas que não pertencem nem a L1 nem a L2. Dessa forma, o aluno fez confusão de grafemas para o mesmo fonema, por exemplo, notaram *ss* ou *z* para o grafema *s*.

Os resultados desta pesquisa poderão subsidiar estudos comparativos, por exemplo, entre Interferência linguísticas encontradas em produções faladas e escritas, principalmente em trabalhos da região sul do Brasil. Outro desdobramento deste trabalho refere-se à formação de professores. Como havíamos dito, o Estado de Roraima passa por uma onda migratória de refugiados/imigrantes oriundos da Venezuela. A educação básica recebeu em 2019¹¹ cerca de 6 mil alunos venezuelanos nas redes municipal (Boa Vista) e estadual. A demanda por aulas de Língua

¹¹ <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/49391>

Portuguesa para hispanofalantes cresceu o que requer métodos e abordagens específicos de ensino de Português seja como Língua de Acolhimento ou como Língua Adicional. Nesse momento, cabe às instituições governamentais implantar políticas públicas levando em consideração esse cenário pluri-, multilíngue.

Referências

AIKHENVALD, A. Y. **Language Contact in Amazonia**. New York: Oxford University Press, 2002, p. 1–32.

HAUGEN, E. **The Language Conflicts and Language Planning: The case of Modern Norwegian**. Cambridge: Harvard University Press, 1966. DOI <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674498709>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Faixa de fronteira. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm. Último acesso: 10 fev. 14

MENÉNDEZ, F. G.; MENÉNDEZ, M. V. G. **El desplazamiento lingüístico del español por el inglés**. Madrid: Cátedra, 2003.

MOTA, F. P. **Contato linguístico na fronteira Brasil/Venezuela: produções textuais de hispano aprendizes de PLE**. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Regional) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

OLIVEIRA, R. G. O Rio Branco no contexto da Amazônia caribenha: aspectos da colonização europeia entre os séculos XVI e XVII. *In: Relações internacionais na fronteira Norte do Brasil*. Coletânea de Estudos. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2008.

SALA, M. **Lenguas en contacto**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

SIGUAN, M. S. **Bilinguismo y lenguas en contacto**. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

SILVA-VALDIVIA, B. Cambios de código, alternancias e interferencias linguísticas: unha perspectiva didáctica sociocomunicativa. *In: SILVA-VALDIVIA, B. (coord.). Didáctica da língua en situacións de contacto linguístico*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1994.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. USA: University of California Press, 1988.

WEINREICH, U. **Languages in contact: finding and problems**. The Hague: Mouton, 1953.

WEINREICH, U. **Lenguas en contacto: descubrimientos y problemas**. Caracas: Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1974.

Artigo recebido em: 14.06.2019

Artigo aprovado em: 29.08.2019